



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

**Ensino Religioso Multiconfessional, Religiões,
Religiosidades e Intolerância Religiosa**

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO PROBLEMÁTICA HISTÓRICA E SEU IMPACTO NA REALIDADE ESCOLAR

Robson Augusto Militão (UENP)¹
Alfredo Moreira da Silva Junior (UENP)²

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a intolerância religiosa a partir de uma problemática histórica e como esse problema afeta os adeptos das religiões afro-brasileiras dentro das escolas, sendo eles alunos e professores utilizando uma tabela de dados publicada por Araújo (2017) em seu livro “Entre Ataques e Atabaques: Intolerância Religiosa e Racismo nas Escolas.”

Também foram incluídos nessa pesquisa dois casos de violência ligada a intolerância religiosa no Brasil, afim de problematizar os ataques e propor maneiras de enfrentamento a essa problemática, principalmente dentro das salas de aula, abordando não só o ensino religioso como também as disciplinas de ciências humanas como as disciplinas de história e filosofia, que possuem espaço para a formação de direitos humanos, apesar dos diversos ataques sofridos pelas tentativas de privatização e propagação do discurso neoliberal na educação.

Sendo assim o seguinte artigo se dividirá em duas partes, a primeira será destinada a compreender o por que devemos compreender a intolerância religiosa como uma problemática histórica. Enquanto a segunda parte será dedicada a compreender como esse problema afeta a realidade escolar do povo de santo e promover medidas de enfrentamento para esse problema.

Palavras-Chaves: Intolerância Religiosa, Identidade, Ensino Religioso, Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a analisar a intolerância religiosa a partir de uma problemática histórica e como esse problema afeta os adeptos das religiões afro-brasileiras dentro das escolas, sendo eles alunos e professores utilizando uma tabela de dados publicada por Araújo (2017) em seu livro Entre Ataques e Atabaques: Intolerância Religiosa e Racismo nas Escolas.

Também foram incluídos nessa pesquisa dois casos de violência ligada a intolerância religiosa no Brasil, a fim de problematizar os ataques e propor maneiras de enfrentamento a essa problemática, principalmente dentro das salas de aula, abordando não só o ensino religioso como também as disciplinas de ciências humanas como as disciplinas de história e filosofia, que possuem espaço para a formação de direitos humanos, apesar dos

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em História – Centro de Ciências Humanas e Educação (CCHE) – Campus de Jacarezinho PR da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail para contato: contato.robsonmilitao@gmail.com

² Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Educação (CCHE) – Campus de Jacarezinho da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. E-mail para contato: alfredo@uenp.edu.br

diversos ataques sofridos pelas tentativas de privatização e propagação do discurso neoliberal na educação.

Sendo assim o seguinte artigo se dividirá em duas partes, a primeira será destinada a compreender o por que devemos compreender a intolerância religiosa como uma problemática histórica. Enquanto a segunda parte será dedicada a compreender como esse problema afeta a realidade escolar do povo de santo e promover medidas de enfrentamento para esse problema.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO PROBLEMÁTICA HISTÓRICA: O INÍCIO DA ENCRUZILHADA

PAG

Segundo a mitologia Iorubá, a encruzilhada é o lugar onde Exu faz morada, é nela onde o Ayê (mundo físico) e o Ayrá (mundo espiritual) fazem contato através da figura de Exu, e são nessas encruzadas onde encontramos a devoção do povo de santo sendo depositada em singelos padês de farofa com dendê, velas e cachaça, porém, o que devia ser uma prática cotidiana de manifestação religiosa passa a ser cada dia mais uma missão perigosa pelas encruzilhadas brasileiras. O medo e a insegurança de levar uma oferenda e acabar sendo mais uma vítima dos inúmeros ataques de intolerância religiosa é uma realidade que assombra o povo de santo desde o nascimento das religiões afro-brasileiras, uma realidade que perdura até o presente momento no coração de cada irmão macumbeiro desse país.

Assim como o racismo, o ódio a religião preta sempre esteve presente em nosso país, como esquecer que apenas três anos após a abolição (que deveria ser uma memória de liberdade conquistada pelo povo negro) os grilhões do preconceito voltariam a nossos pés, porém dessa vez de maneira invisível. Tivemos nossa capoeira criminalizada, nossos sambas marginalizados e nossos terreiros invadidos e demonizados pelo pensamento burguês da elite branca durante todo período da primeira república, nas quais se predominavam os pensamentos eugenistas e nomes como Raimundo Nina Rodrigues e Renato Kehl eram conhecidos como os maiores nomes da ciência do período. É nesse momento em que a figura do negro, apesar de livre, volta a ser considerada como selvagem, primitivo, violento e como símbolo de retrocesso pela sociedade, assim como Nina Rodrigues (1897), ele afirma que o negro candomblecista seria uma praga para a cristianização, fazendo com que ao tentar converter um negro ao cristianismo, seria o negro que iria inferiorizar o cristianismo, vejamos:

Em matéria de conversão das raças inferiores para as crenças religiosas das raças superiores, o negro baiano não podia fazer exceção à regra geral. Aqui, na Bahia, como em todas as missões de catequese dos negros na África, sejam elas católicas, protestantes ou maometanas, longe do negro se converter ao catolicismo é o catolicismo que recebe a influência do fetichismo, se adapta ao animismo rudimentar do negro que, para torná-lo assimilável, materializa e dá corpo e representação objetiva a todos os mistérios e abstrações monoteístas. (Nina Rodrigues, 1897)

Percebe-se que essa pseudociência propagada durante o período pós abolição da primeira república influencia de forma absurda as políticas do período, o que só aumentava ainda mais a reclusão das casas de candomblé para as periferias das cidades, carregando com elas o medo excessivo do povo de santo, que a qualquer momento poderia ter seus terreiros invadidos sob a acusação de curandeirismo ou charlatanismo.

Os anos se passam, porém o discurso não muda, apenas troca seus propagadores e alguns argumentos. Hoje em dia, não temos mais políticas de branqueamento e pureza racial, porém, temos dentro de nossas câmaras uma grande emergência de grupos neopentecostais, que crescem todos os anos com discursos de fundamentalismo religioso, como esquecer de nossa ex-ministra da mulher, família e direitos humanos e atual senadora do Distrito Federal na qual se dizia “terrivelmente cristã”? São políticos dessa mesma linha que compõem o que é chamado de Bancada Evangélica dentro de nosso congresso, nos quais sempre promovem projetos de lei que visam acabar com a laicidade do Estado brasileiro e principalmente atacar a liberdade religiosa pela qual o povo de santo lutou e ainda luta para conquistar.

Além dos políticos fundamentalistas cristãos, tivemos também no Brasil o Fenômeno do discurso demonizante neopentecostal, que tem como seu principal propagador o bispo evangélico e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) Edir Macedo, que no ano de 1997, publica um *best-seller* intitulado de “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?”, onde o livro pode ser usado como um manual de como criar um intolerante religioso, propagando uma teologia de batalha espiritual e concedendo tanto as religiões afro-brasileiras e aos seus adeptos o papel de antagonistas de Cristo segundo o pensamento de Macedo (1997). Também é nesse livro em que o bispo culpabiliza o povo de santo por inúmeras tragédias dentro do país, onde segundo o mesmo, seriam as religiões afro-brasileiras as raízes do mal na sociedade, vejamos o argumento:

Se acha que estamos exagerando, dê uma olhada crítica nas pessoas que estão dando ouvidos aos espíritos. Procure verificar suas vidas, e irá constatar gente sofrendo desgraçadamente inúmeros males. Veja os sanatórios, manicômios, presídios e hospitais. Você entenderá então por que combatemos o espiritismo e suas ramificações com todas as nossas forças. Essa religião tão popular no Brasil é uma fábrica de loucos e uma agência onde se tira o passaporte para a morte e uma viagem para o inferno. (Macedo, 1997)

Analizando as duas citações, tanto a de Nina Rodrigues quanto a de Macedo, é possível perceber que esse discurso demonizante neopentecostal é uma evolução da inferiorização do povo negro propagada durante o período das políticas de embranquecimento, sendo assim precisamos trabalhar a intolerância religiosa não como um fenômeno isolado, mas sim, como uma problemática histórica que vem se transformando durante o tempo. Ao compreender isso, podemos prosseguir com a análise a respeito dessa problemática dentro das escolas.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NAS ESCOLAS E MEDIDAS DE ENFRENTAMENTO

Quando nos perguntamos sobre religiosidade nas escolas e desenvolvimento de respeito ao sagrado, sempre nos voltamos na importância do ensino religioso dentro dos sextos e sétimos anos no currículo escolar, que, apesar de ser uma medida de enfrentamento ao problema histórico que apresentamos acima, não apresenta resultados, justamente porque esse tema não se estende ao longo da formação dos alunos da educação básica, mesmo nas disciplinas de ciências humanas que possuem em sua estrutura um espaço para discutir direitos humanos e tolerância.

Como vimos no tópico anterior, a intolerância religiosa não é um fenômeno isolado que só possui uma forma de ação, ela é uma problemática histórica, que se transforma ao passar do tempo, e para que possamos ao final construir medidas de enfrentamento a essa problemática, necessitamos entender como ela se aplica dentro da realidade escolar de nossos alunos. Segundo Nogueira (2020), uma das principais consequências é a vergonha e o medo de assumir que é adepto a religiões afro-brasileiras, ainda mais com casos como o caso da menina Kailane Campos ³ de 11 anos, na qual foi atingida por uma pedra na cabeça após uma cerimônia de feitura de santo. Para isso, trazemos aqui um quadro feito por Araújo (2017) que mostra a religião praticada pelos alunos de cinco escolas da cidade de São Paulo, no qual é descrito por Nogueira (2020) que utilizou os dados de Araújo, que todas as escolas selecionadas se

³ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-17/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-nao-perdoa-agressores.html>

localizavam próximas a terreiros com uma quantidade grande de adeptos principalmente de adeptos que residem próximos tanto das escolas quanto dos terreiros.

Religião dos Alunos

	E. E. Profa. Maria E. Martins	E. E. Sen. Adolfo Gordo	E. E. Carlos Maximiliano	E. E. Antônio Alves Cruz	E. E. João XXIII	Total
Católica A.R	43%	49%	35%	45%	38%	42,5%
Evangélica	20%	31%	23%	13%	30%	23,5%
Espírita	5%	0%	3%	7%	0%	2,9%
Umbandista	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Candomblecista	0%	0%	0%	0%	1%	0%
Outras religiões	3%	0%	18%	5%	3%	5,3%
Sem religião	29%	20%	21%	29%	28%	26,5%

Fonte: Araújo (2017)

Segundo o gráfico fica evidente a situação que estamos lidando, somente um entrevistado teve a coragem de assumir que era candomblecista, enquanto muitos se esconderam com vergonha e medo das consequências.

Além de pensar nos alunos que sofrem com esse tipo de discurso, também podemos voltar nossa problematização aos alunos que propagam essa ideologia, como no caso da professora Sueli Santana ⁴que foi apedrejada no ano de 2024 pelos próprios alunos de uma escola rural na Bahia, segundo a professora o motivo do ataque foi uma aula sobre cultura e religiosidade afro-brasileira ministrada na semana da consciência negra, onde após a aula a professora foi apedrejada aos gritos de “bruxa” e “macumbeira”, na qual, segundo a vítima já eram xingamentos cotidianos, já que a mesma é adepta ao Candomblé e já ia para escola nas sextas com suas roupas brancas.

⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/demonia-professora-e-vitima-de-intolerancia-religiosa-por-estudantes-de-escola-na-bahia>

E o que fazer para que possamos superar esse problema? Bom, gostaria de responder em duas partes, a primeira, me restringindo a disciplina de ensino religioso e a segunda abrindo o leque para as demais disciplinas de ciências humanas.

No que tange a disciplina de ensino religioso, levando sempre em consideração o fato de que a mesma só é ministrada nos sextos e sétimos anos da educação básica, proponho uma sequência didática que explorasse todas as religiões mais populares no Brasil, desmistificando tudo aquilo que foi demonizado por anos e anos de intolerância religiosa, onde no final dessa sequência seria proposto uma atividade na qual os alunos seriam responsáveis por confeccionar um painel sobre respeito a todas as religiões, onde os alunos seriam divididos em grupos e trariam uma pesquisa sobre uma religião diferente por grupo, assim seriam colados e expostos nos murais das escolas.

Já no que tange às demais disciplinas de ciências humanas como história e filosofia (aqui sendo visado para aplicar durante o ensino médio, pois somente nessa fase do período escolar que os alunos são apresentados a disciplinas de filosofia e sociologia) proponho uma interação interdisciplinar, onde os professores de história abordariam uma historiografia a respeito da cultura negra e da perseguição a população negra, focando, sobretudo no aspecto religioso e cultural, assim, separando os alunos em grupos onde cada grupo ficaria responsável por fazer um levantamento de dados sobre casos de intolerância envolvendo a religião sorteada para o grupo. Enquanto os professores de filosofia teriam como trabalho um diálogo a respeito de direitos humanos e liberdade religiosa, preparando assim os alunos para um debate, onde seriam expostos os dados levantados para o trabalho de história e assim seria mediado uma discussão sobre o fato dos números serem altos ou não, sobre o que cada grupo acha do número e o por que alguns números são maiores que outros, assim o professor de história faria colaborações lembrando os alunos dos desafios históricos das religiões afro-brasileiras, e assim conscientizando os alunos de que a intolerância religiosa se trata de um problema histórico, enquanto o professor de filosofia poderá colaborar com argumentos sobre respeito e principalmente a importância da formação em direitos humanos dentro da formação social dos alunos da educação básica.

CONCLUSÃO

Assim chegamos ao fim de nossa encruzilhada, nosso caminho agora fica bem mais claro, assim é possível que consigamos enxergar melhor a estrada que será traçada a partir

daqui, dessa forma recapitulamos tudo que nos foi mostrado ao longo de nosso percurso, que durante todo esse tempo foi ‘guiado por Exu’.

No início de nossa conversa, foi apresentado o histórico da repressão da cultura negra sob as políticas de embranquecimento cultural, principalmente a partir dos argumentos de Raimundo Nina Rodrigues em seu livro “O Animismo Fetichista dos Negros Baianos”, no qual o autor inferioriza o povo negro, dizendo até que era possível que os negros inferiorizassem o cristianismo durante as tentativas de catequização, já que tanto para o autor, quanto para o pensamento da época, os negros eram tratados como uma raça inferior e desenvolvida de uma forma na qual seria propensa a selvageria, maldade e até mesmo ao crime, culpabilizando a população negra pela falta de progresso do país, chegando até a dizer que o Brasil jamais seria evoluído socialmente como os países brancos, europeus e católicos.

Além de Nina Rodrigues também vimos o reflexo desse pensamento culpabilizante no discurso neopentecostal do bispo iurdiano Edir Macedo, que seguindo a sua teologia de batalha espiritual, culpabiliza o povo de santo e as religiões afro-brasileiras pelos crimes e doenças em nosso país, chegando a se referir às religiões afro-brasileiras como uma fábrica de loucos e uma agência onde se tira o passaporte para o inferno. Assim, ao analisar as duas passagens, concluímos que a intolerância religiosa é uma problemática histórica que necessita ser combatida.

Em nossa segunda parte discutimos sobre os fatores que levam aos alunos da educação básica que os fazem esconder sua fé, onde isso reflete tanto no quadro desenvolvido por Araújo (2017) quanto em decorrência de ataques como o sofrido pela jovem Kailane Campos. Além disso, discutimos sobre o que fazer com os alunos que propagam esse tipo de pensamento demonizante, trabalhando em cima do caso de Sueli Santana.

Em último momento desenvolvemos duas medidas de enfrentamento a essa problemática dentro das salas de aula, na qual a primeira se restringe a algo mais lúdico e projetado aos sextos e sétimos anos, enquanto a segunda trata-se de uma abordagem interdisciplinar para as disciplinas de ciências humanas no ensino médio, promovendo uma pesquisa de levantamento de dados e até mesmo debates a respeito do impacto da intolerância religiosa na sociedade brasileira.

Assim conseguimos encerrar esse breve ensaio, sob a força de Exu eu coloco dentro do padê um pedido para as novas gerações, um pedido de que essas medidas de enfrentamento um dia sejam tomadas. Laroyê Exu, Exu Mojubá!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrício Carneiro. Entre ataques e atabaques: intolerância religiosa e racismo nas escolas. São Paulo: Aché, 2017.

BANTU, Stephen Biko (Steve Biko). Eu escrevo o que eu quero. São Paulo: Ática, 1978.

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira, 1971.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 dez. 2024.

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Coleção de Leis do Brasil, Rio de Janeiro, p. 6.997, 1890. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 2 abr. 2025.

CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 130-139, 2006.

CUMINO, Alexandre. Exu não é o diabo. São Paulo: Madras, 2018.

DIAS, João Ferreira. "Chuta que é macumba": O percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras. Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, São Paulo, ano XII, n. XXVII, p. 39-62, maio 2019.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020

FERNANDES, Diamantino Coelho. O espiritismo de Umbanda na evolução dos povos. In: **FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA**. Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1942. p. 46.

FONTENELLE, Aloísio. Exu. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Aurora, 1954.

ISAIA, Artur Cesar; **SILVA**, Elizete da. A história de uma Ialorixá sob a ótica de um pastor canadense: Robert McAlister e as Religiões Afro-Brasileiras. Interfaces Brasil/Canadá, Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 19, n. 3, p. 104-124, 2019.

MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? São Paulo: Unipro, 1997.

MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. Anos 90, 1999.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afrobrasileiros. IN: **SILVA**, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2015. p. 119-149.

MORAES, Viviane de. Consciência Negra e Envelhecimento: uma reflexão. Revista Portal de Divulgação, 2011.

NOGUEIRA, Sidinei Barreto. Intolerância Religiosa. São Paulo: Pólen, 2020.

ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa iurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. IN: **SILVA**, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2015. p. 29-71.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Pretos Baianos. Revista Brasileira,

1897.

RODRIGUES, Osaias. O evangelicalismo intolerante e racista e os povos de terreiro no Brasil. Calundu, 2023, p. 25-46.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2015.

SIMAS, Luiz Antônio. Umbandas: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2024.

* * * * *